

Paisagem, patrimônio e memória na Praça São Judas Tadeu em Ibiassucê-BA

SESSÃO TEMÁTICA: DIMENSÃO HISTÓRICA E PATRIMONIAL DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DA PAISAGEM

FERREIRA, Angélica Farias
Universidade Federal da Bahia
Email: angelicaff2304@gmail.com

AMORIM, Nayara Cristina Rosa
Universidade Federal da Bahia campus Salvador e Instituto Federal da Bahia campus Ilhéus
Email: nayaraamorim@ufba.br

RESUMO

O artigo analisa a Praça São Judas Tadeu, em Ibiassucê-BA, como espaço público de valor histórico, social e cultural, compreendida como paisagem cultural viva, constituída pelos processos de uso, memória e apropriação coletiva. A pesquisa adota abordagem qualitativa, com levantamento arquitetônico e paisagístico, observações in loco, registros fotográficos, análise documental e escuta dos usuários. O estudo evidencia o papel estruturador das praças na vida urbana da cidade de Ibiassucê-BA, bem como as fragilidades decorrentes da ausência de planejamento continuado e de instrumentos de preservação. Apresenta-se, ainda, a proposta de requalificação desenvolvida em um Trabalho Final de Graduação (TFG), orientada pela acessibilidade, valorização patrimonial, conforto ambiental, diversidade de usos. Conclui-se que a preservação da praça é essencial para a manutenção da sociabilidade, da identidade local e da vitalidade do espaço público.

PALAVRAS-CHAVE: Ibiassucê; Espaço público; Praça; Requalificação urbana.

ABSTRACT

The article analyzes São Judas Tadeu Square, in Ibiassucê-Bahia, as a public space of historical, social, and cultural value, understood as a living cultural landscape shaped by processes of use, memory, and collective appropriation. The research adopts a qualitative approach, including architectural and landscape surveys, on-site observations, photographic records, document analysis, and user listening. The study highlights the structuring role of public squares in the urban life of small towns, as well as the vulnerabilities resulting from the lack of continuous planning and preservation instruments. It also presents the requalification proposal developed as part of the Undergraduate Final Project, guided by accessibility, heritage valorization, environmental comfort, diversity of uses, and participatory management. It is concluded that the preservation of the square is essential for maintaining sociability, local identity, and the vitality of public space.

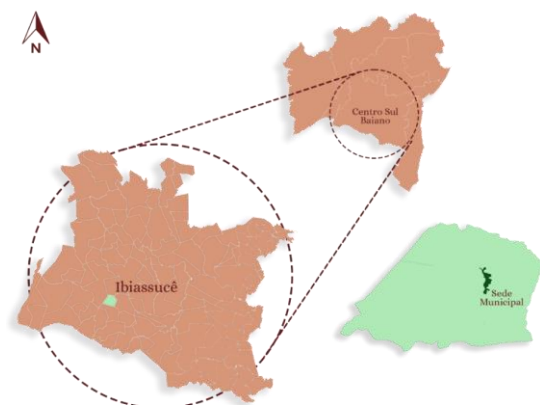
KEYWORDS: Ibiassucê; Public space; square; Urban requalification.

1. INTRODUÇÃO

O município de Ibiassucê, localizado na região Centro-Sul da Bahia (Figura 1), integra o Território do Sertão Produtivo e apresenta características típicas do semiárido nordestino, com longos períodos de estiagem, chuvas irregulares e vegetação predominante de

Caatinga. Sua topografia marcada por colinas e planaltos, favorece a mobilidade de pedestres, sobretudo na área central, onde se concentram muitos espaços de uso coletivo.

Figura 1: Mapa de localização da cidade no estado da Bahia e da sua sede municipal.



Fonte: Google maps com edições autorais, 2025.

Segundo o IBGE (2022), Ibiassucê possui cerca de 10.429 habitantes e segue a tendência de envelhecimento populacional, o que reforça a necessidade de qualificar seus espaços públicos quanto à acessibilidade, segurança e conforto ambiental. A economia local baseia-se na agricultura, pecuária, cerâmica e setor público, e é na feira livre semanal — realizada em uma das praças centrais — que se concentram parte significativa da atividade econômica e das interações sociais. Por reunir comércio, circulação de pessoas, encontros cotidianos e práticas culturais, a feira evidencia como as praças ultrapassam sua função física no tecido urbano. Como afirma Marcos Tamoio (apud Ferrez, 1978):

Todas as cidades, grandes ou pequenas, têm sempre uma praça onde aconteceram fatos que, pela sua importância, trazer para aquela área um valor histórico bem maior do que o representado pela sua função urbana.

No contexto das cidades de pequeno porte, as praças desempenham papel estruturador da vida cotidiana, funcionando como lugares de encontro, lazer, manifestações culturais, práticas esportivas e celebrações religiosas. Em Ibiassucê, esses espaços assumem função central na organização da vida urbana, entretanto, muitos apresentam fragilidades relacionadas à ausência de planejamento paisagístico continuado, à precariedade de infraestrutura, à baixa manutenção e à insuficiência de condições de acessibilidade universal.

Nesse cenário, destaca-se a Praça São Judas Tadeu, objeto de estudo deste artigo, por sua relevância simbólica, religiosa, cultural e urbana. Articulada à Igreja São Judas Tadeu, a praça configura-se como espaço de forte valor patrimonial e afetivo para a população local. Apesar de sua importância, o espaço apresenta hoje limitações físicas, funcionais e ambientais que comprometem sua permanência como lugar de convivência qualificada,

evidenciando a necessidade de sua análise no campo do planejamento da paisagem, da preservação patrimonial e das diretrizes contemporâneas para os jardins históricos.

No contexto das discussões atuais sobre a paisagem como direito, campo da memória e instrumento de justiça urbana — como propõe o 8º Congresso Internacional da Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas (8º CIAP) — a Praça São Judas Tadeu representa uma oportunidade de refletir sobre os desafios e as potencialidades das pequenas cidades na articulação entre patrimônio, planejamento, gestão e uso social dos espaços livres públicos.

1.1 Objetivo do artigo e enquadramento no eixo temático

Este artigo tem como objetivo analisar a Praça São Judas Tadeu, em Ibiassucê-BA, a partir da dimensão histórica e patrimonial da paisagem, compreendendo-a como paisagem cultural viva, constituída por processos de uso, memória, identidade e apropriação coletiva ao longo do tempo, bem como apresentar a proposta de requalificação desenvolvida no âmbito do Trabalho Final de Graduação (TFG), como estratégia de valorização e preservação desse espaço público.

A discussão se insere no Eixo Temático 04 — Dimensão histórica e patrimonial do projeto, do planejamento e da gestão da paisagem, ao abordar a praça como herança cultural em transformação, articulando memória, práticas cotidianas e estratégias contemporâneas de requalificação. Nesse sentido, o estudo contribui para o debate sobre a preservação da paisagem em cidades de pequeno porte, frente aos desafios atuais de descaracterização, fragilidade institucional e ausência de políticas públicas continuadas para os espaços livres públicos.

1.2 Estratégias metodológicas

A pesquisa adota abordagem qualitativa e interpretativa, orientada pela compreensão da paisagem como fenômeno cultural, histórico e socialmente construído. O percurso metodológico articula levantamento arquitetônico e paisagístico, observações in loco, análise documental e histórica, além de entrevistas informais e mapeamentos afetivos realizados com usuários e moradores do entorno da Praça São Judas Tadeu, buscando apreender as dimensões materiais e simbólicas do espaço.

Para a leitura da paisagem e de suas transformações, foram utilizados registros fotográficos atuais e antigos, arquivos pessoais, documentos institucionais e dados secundários oficiais, permitindo a reconstrução dos processos de formação, uso, permanência e ressignificação da praça ao longo do tempo. Esse procedimento possibilitou reconhecer os valores patrimoniais tangíveis e intangíveis, bem como as dinâmicas sociais associadas ao espaço livre.

O estudo também se estrutura a partir da compreensão da paisagem como direito coletivo e instrumento de política pública, em consonância com os debates contemporâneos do campo do paisagismo no Brasil, que defendem a articulação entre princípios conceituais, instrumentos técnicos, marcos legais e práticas de gestão do cotidiano. Essa abordagem dialoga com a concepção de espaço como produção social, formulada por Milton Santos, na qual o território é resultado da interação entre técnica, norma, uso e relações de poder.

Do mesmo modo, aproxima-se das reflexões de Caldeira sobre a praça brasileira como espaço historicamente constituído a partir das transformações da vida urbana, da sociabilidade e da modernidade, reforçando seu papel como lugar de encontro, expressão coletiva e estruturação do cotidiano urbano. Nesse sentido, a pesquisa busca articular os campos do projeto, do planejamento e da gestão da paisagem como dimensões indissociáveis para a preservação e a qualificação dos espaços livres públicos.

Ressalta-se que este artigo constitui desdobramento direto do Trabalho Final de Graduação “*Um olhar sobre a cidade de Ibiassucê–BA: Redesenhando a Praça São Judas Tadeu*” (Ferreira, 2025), bem como integra reflexões iniciais vinculadas a um projeto de pesquisa em nível de mestrado em desenvolvimento.

2. PAISAGENS DAS CIDADES DO INTERIOR: FUNDAMENTOS PARA COMPREENDER IBIASSUCÊ

2.1 Cidades do interior, memória e paisagem: por que preservar?

Em contraste com os grandes centros, onde as transformações se dão de forma acelerada, em muitas cidades do interior os processos de mudança tendem a ser mais lentos, possibilitando a permanência de elementos históricos, simbólicos e afetivos na paisagem. No entanto, essa mesma condição as torna mais vulneráveis à ausência de políticas públicas continuadas, à fragilidade institucional e à escassez de documentação técnica e histórica.

Nesses territórios, muitas praças e espaços livres não resultam de projetos formais como também se consolidam historicamente a partir de processos de uso, apropriação e ressignificação cotidiana, que constroem seus valores ao longo do tempo (CHOAY, 2001). Assim, os valores patrimoniais dessas paisagens não se restringem à materialidade construída, mas se expressam nas práticas sociais, nas memórias compartilhadas, nos saberes locais e nas relações de pertencimento (CHOAY, 2001).

Em Ibiassucê, a dinâmica urbana se estrutura a partir de relações de proximidade, do vínculo comunitário e de práticas sociais recorrentes, especialmente nas praças, nas igrejas e na feira livre. Esses espaços concentram atividades do cotidiano, encontros sociais, manifestações culturais, celebrações religiosas e trocas econômicas, configurando-se como suportes fundamentais da vida coletiva e da construção das identidades locais. A paisagem urbana da cidade reflete, assim, modos de vida consolidados ao longo do tempo, nos quais a convivência, a memória e o uso cotidiano desempenham papel central na produção e na permanência dos espaços públicos.

Nesse contexto, a preservação das paisagens urbanas de Ibiassucê enfrenta desafios relacionados ao envelhecimento da população, à escassez de recursos técnicos e financeiros, à ausência de inventários sistematizados e à inexistência de órgãos municipais específicos de proteção ao patrimônio. Tais fatores tornam os espaços

públicos mais suscetíveis a processos de descaracterização, abandono e intervenções dissociadas de sua história e de seus valores simbólicos.

2.2 Formação urbana de Ibiassucê: da Fazenda Lagoa do Cisco à consolidação urbana

De acordo com relatos da professora Maria Eliane Brito de Andrade — geógrafa e moradora local — A formação urbana de Ibiassucê está diretamente vinculada à ocupação rural do território, tendo como núcleo inicial a antiga Fazenda Lagoa do Cisco, situada nas proximidades do atual bairro Venda Velha e das margens do Rio Negato. A presença do curso d'água foi determinante para o estabelecimento do primeiro núcleo habitacional, ao garantir abastecimento, fertilidade do solo e suporte às atividades produtivas.

A ocupação inicial remonta ao século XVII, com registros de presença indígena dos Caetés, intensificando-se ao longo do século XIX com a chegada de grupos oriundos da Chapada Diamantina, ligados à produção agrícola e ao comércio local (Figura 2).

Esse primeiro núcleo estruturou-se segundo uma lógica espontânea, marcada pela proximidade entre moradia, trabalho e território, estabelecendo uma relação direta entre paisagem, práticas produtivas e vida cotidiana. A consolidação da vila ocorreu de forma progressiva, acompanhando o crescimento populacional e o fortalecimento das atividades econômicas.

Um marco fundamental do processo de expansão urbana foi a construção da Igreja Matriz de São Sebastião, implantada em ponto elevado e central do município, consolidando um novo eixo de organização da cidade. A partir desse momento, observa-se a abertura de ruas, a ocupação ao longo da atual Rua Bahia e a conformação da futura Praça São Sebastião, estruturando o primeiro núcleo urbano formal.

Figura 2: Mapa evolução urbana de Ibiassucê.



Fonte: Google maps com edições autorais, 2025.

Posteriormente, a edificação da Igreja São Judas Tadeu (Figura 3) estabeleceu um novo polo de centralidade, impulsionando a expansão urbana no sentido sudoeste da cidade. A partir dela, o entorno imediato passou a ser ocupado e apropriado pela população, dando origem à atual Praça São Judas Tadeu, cuja conformação de processos espontâneos de uso social e construção coletiva do espaço — dinâmica recorrente nas cidades do interior

brasileiro. Essa lógica de formação pode ser compreendida à luz da leitura morfológica proposta por Teixeira (2000, apud CALDEIRA, 2007), ao afirmar que:

Os principais edifícios da cidade – estruturas religiosas, políticas ou militares – localizavam-se em locais topograficamente dominantes e tornavam-se os principais pólos do crescimento urbano. Por sua vez, estes edifícios eram ligados por caminhos que se sobrepunham às linhas naturais do território – linhas de fecho ou as suas ramificações – os quais se tornavam geralmente nas principais ruas do aglomerado, que estruturavam o território urbano. No encontro destas vias geravam-se por sua vez espaços urbanos com características de centralidade, potenciais praças urbanas, com formas que resultavam diretamente do modo como as ruas neles confluíam. Estes espaços eram – também eles – posteriormente pontuados por Igrejas ou por outros edifícios singulares que se construía nos seus pontos dominantes.

A formação da Praça São Judas Tadeu em Ibiassucê reafirma a descrição feita por Teixeira, na qual o edifício religioso atua como elemento estruturador da paisagem urbana, orientando os fluxos, organizando os vazios urbanos e definindo áreas de centralidade. A praça, nesse contexto, não surge como resultado de um desenho previamente concebido, mas como produto da consolidação progressiva dos caminhos, dos encontros e das práticas sociais cotidianas. Assim, a centralidade da Igreja de São Judas Tadeu ultrapassa sua função religiosa, assumindo papel simbólico, territorial e social, estruturando a expansão urbana e a vida coletiva do bairro

Figura 3: Fachada da igreja São Judas Tadeu em 1992.



Fonte: Casa de Cultura de Ibiassucê-BA, 2023.

Nesse contexto, a emancipação política do município, em 1962, marca a consolidação administrativa de Ibiassucê, mas não altera de forma imediata a lógica de formação já estabelecida no território. A expansão urbana e a consolidação dos espaços livres, como a Praça São Judas Tadeu, continuam a ocorrer de maneira progressiva, orientadas

sobretudo pelos usos cotidianos, pela centralidade simbólica da igreja e pelas dinâmicas sociais locais, mais do que por diretrizes formais de planejamento.

2.3 As praças de Ibiassucê como sistema de sociabilidade e paisagem

As praças constituem elementos estruturadores da vida urbana em Ibiassucê, reunindo práticas de encontro, lazer, celebrações religiosas, atividades esportivas e convivência cotidiana. Distribuídas ao longo do perímetro urbano, elas conformam um sistema de espaços livres que organiza a dinâmica social da cidade e sustenta grande parte de sua vida pública. A vitalidade dessas áreas, no entanto, depende diretamente de condições de uso adequadas — acessibilidade, conforto ambiental, segurança, mobiliário apropriado e diversidade de atividades. Como aponta González (2020, s/p), a qualificação dos espaços públicos exige estratégias que priorizem a escala humana, o uso cotidiano e a multifuncionalidade.

Nesse conjunto, destacam-se praças de diferentes funções e características, como a Praça São Sebastião, com forte papel religioso e cívico; a Praça do Rebentão, tradicional espaço de eventos e circulação; e a Praça São Judas Tadeu, objeto deste estudo. Apesar de historicamente associada a práticas religiosas, esportivas e comunitárias, a Praça São Judas Tadeu enfrenta hoje limitações físicas que restringem sua permanência como espaço de convivência. Ainda assim, registros fotográficos e relatos da população revelam a continuidade de marcos simbólicos e de práticas coletivas, reafirmando sua condição de paisagem viva e suporte de memórias e vínculos afetivos.

2.4 Ausência de documentação formal e riscos de descaracterização

Um dos principais entraves à preservação da paisagem urbana de Ibiassucê é a escassez de registros históricos institucionais. Grande parte das informações sobre a formação da cidade, suas praças e edificações de valor simbólico é transmitida por meio da memória oral dos moradores. Embora esse caráter fortaleça a noção de “história viva”, ele também evidencia a fragilidade dessas referências enquanto base documental para ações de preservação.

A ausência de registros sistematizados dificulta o reconhecimento oficial dos valores históricos, paisagísticos e culturais dos espaços livres, além de limitar a formulação de políticas públicas voltadas ao patrimônio nas pequenas cidades. Segundo Choay (2001), é justamente a falta de institucionalização e de instrumentos de reconhecimento que fragiliza os bens culturais que não se enquadram nos modelos clássicos de preservação monumental. No mesmo sentido, o IPHAN (2010) destaca que a inexistência de inventários e marcos legais locais amplia a vulnerabilidade desses espaços a processos de descaracterização, demolições, substituições arquitetônicas e intervenções dissociadas da paisagem urbana consolidada.

No caso da Praça São Judas Tadeu, houve, em anos anteriores, a intenção de demolição da Igreja São Judas Tadeu para sua substituição por uma edificação de maior porte (Figura 4), demolindo a atual e construindo a nova em uma outra posição na praça. Tal proposta colocaria em risco não apenas o patrimônio edificado, mas também a organização simbólica, espacial e afetiva da praça enquanto paisagem histórica viva, evidenciando a tensão recorrente entre as lógicas do “novo” e da preservação nas cidades do interior.

Figura 4: Imagem da proposta apresentada à comunidade para a nova Igreja São Judas Tadeu.



Fonte: Disponibilizada pela arquiteta responsável pelo projeto, 2024.

2.5 Preservar a paisagem do interior como estratégia de continuidade cultural

A análise da história urbana de Ibiassucê, do papel estruturador de suas praças e das fragilidades que atravessam esses espaços evidencia a urgência de estratégias de preservação sensíveis às especificidades das pequenas cidades. Diferentemente dos grandes centros, onde existem conselhos e instrumentos consolidados, no interior a preservação depende, em grande medida, da mobilização comunitária, da valorização da memória local e da atuação técnica comprometida.

Preservar as paisagens do interior significa reconhecer que o valor do espaço não reside apenas em sua materialidade, mas nas relações sociais, nas memórias construídas e nos usos cotidianos que lhes conferem sentido. Néstor García Canclini (1999) compreende os bens culturais como processos vivos, permanentemente atualizados pelas práticas sociais e pelas formas de apropriação coletiva. Nesse mesmo sentido, a Carta de Juiz de Fora (IPHAN, 2010) reconhece os jardins e espaços livres como paisagens culturais vivas, cuja preservação depende da continuidade dos usos e da participação da sociedade. Nesse contexto, a Praça São Judas Tadeu expressa de forma exemplar essa condição: um espaço formado espontaneamente, atravessado por práticas religiosas, esportivas e culturais, e permanentemente ressignificado pela população.

A compreensão dessas paisagens como patrimônios vivos amplia o horizonte do planejamento e da gestão da paisagem ao incorporar o tempo, a memória, o uso e a coletividade como dimensões indissociáveis do projeto contemporâneo

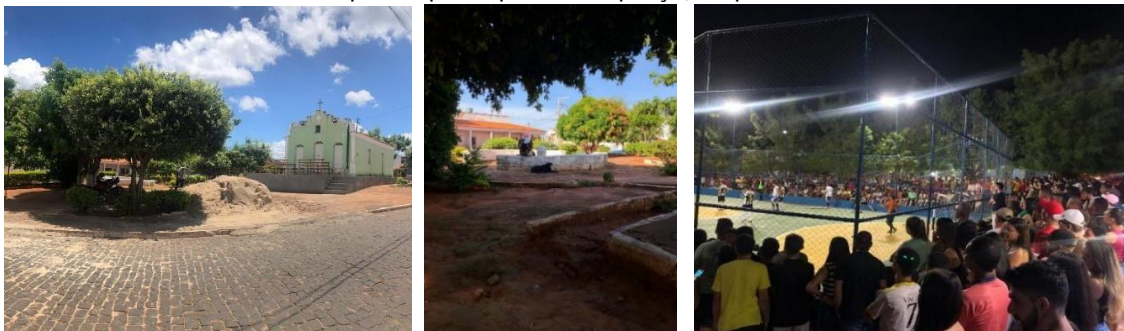
3. DIRETRIZES DE REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA SÃO JUDAS TADEU A PARTIR DA PAISAGEM, DO PATRIMÔNIO E DO USO SOCIAL

3.1 Leitura integrada da área: paisagem, usos, fragilidades e potencialidades

A proposta de requalificação da Praça São Judas Tadeu tem como objetivo principal qualificar o espaço como equipamento público inclusivo, acessível e simbolicamente referenciado, reconhecendo-o como paisagem cultural viva e componente do patrimônio urbano de Ibiassucê.

A leitura integrada da área foi construída a partir de levantamentos arquitetônicos e paisagísticos, observações in loco, registros fotográficos e escuta informal dos usuários, permitindo identificar como principais fragilidades: a ausência de acessibilidade universal, os conflitos entre pedestres e veículos (Figura 5), a escassez de mobiliário confortável e de áreas sombreadas (Figuras 6 e 7), a arborização pouco eficiente do ponto de vista microclimático, a precariedade dos equipamentos existentes e a vulnerabilidade do patrimônio edificado, especialmente da Igreja São Judas Tadeu.

Figuras 5, 6 e 7: Frente da Igreja São Judas Tadeu, bancos da praça e pessoas assistindo ao jogo de futsal na quadra poliesportiva da praça, respectivamente.



Fonte: Autoral, 2024.

Em contrapartida, a observação dos usos cotidianos e as conversas com moradores e frequentadores evidenciaram o forte vínculo afetivo da população com a praça, associado às práticas religiosas, esportivas e culturais, reafirmando seu valor como patrimônio simbólico, ambiental e urbano. A proposta parte, portanto, da articulação entre fragilidades físicas e permanências sociais como fundamento da intervenção.

3.2 Fundamentação conceitual a requalificação e grupos sociais envolvidos

O conceito orientador do projeto baseia-se na reintegração da praça à vida cotidiana da cidade, reforçando sua vocação como espaço democrático, acessível e de encontro intergeracional.

Considerando os valores históricos, sociais e simbólicos já identificados, a requalificação busca fortalecer a continuidade das práticas coletivas, qualificar os usos existentes e ampliar o acesso a diferentes grupos sociais. A Carta de Juiz de Fora (IPHAN, 2010) orienta essa abordagem ao enfatizar a importância da participação comunitária e da gestão compartilhada nos processos de preservação dos espaços livres públicos. Assim, a proposta assume a praça como lugar de convivência ativa, cuja permanência depende da articulação entre memória, uso cotidiano e qualificação física do espaço.

A leitura estratégica do espaço foi estruturada por meio de uma matriz FOFA, que evidenciou, como forças, a centralidade urbana, o valor simbólico da igreja e a vitalidade durante eventos; como fraquezas, a degradação física, a baixa acessibilidade e a desconexão entre setores; como oportunidades, a integração entre equipamentos

públicos e a valorização cultural e ambiental; e, como ameaças, os processos de abandono, descaracterização e ocupações indevidas.

O público atendido é diverso, envolvendo crianças, jovens, idosos, pessoas com deficiência, usuários da igreja, estudantes, comerciantes e moradores do entorno, o que exige soluções flexíveis, inclusivas e adaptáveis às dinâmicas cotidianas e aos eventos coletivos.

3.3 Diretrizes de requalificação da paisagem e do espaço público

As diretrizes de intervenção foram formuladas a partir da articulação entre acessibilidade, valorização patrimonial, conforto ambiental, uso social e identidade ecológica, estruturadas nos seguintes princípios:

- Desenho universal como diretriz transversal;
- Valorização da Igreja São Judas Tadeu como marco histórico e simbólico;
- Diversificação de usos e ampliação do tempo de permanência;
- Reorganização da mobilidade e dos fluxos internos;
- Fortalecimento do componente ambiental com vegetação adaptada ao semiárido;
- Integração entre equipamentos existentes e novos usos;
- Estímulo à gestão participativa e à apropriação comunitária do espaço.

A organização espacial da praça se dá por meio de setorização funcional, estruturada em: setor esportivo e recreativo, esplanada cívica associada à igreja e à biblioteca, áreas de permanência e contemplação, e eixos de circulação e conexão urbana (Figura 8).

Figura 8: Planta de intervenção na praça São Judas Tadeu, indicando os novos acessos, caminhos, equipamentos e paisagismo proposto. No canto inferior direito, imagem aérea da situação atual como referência comparativa.



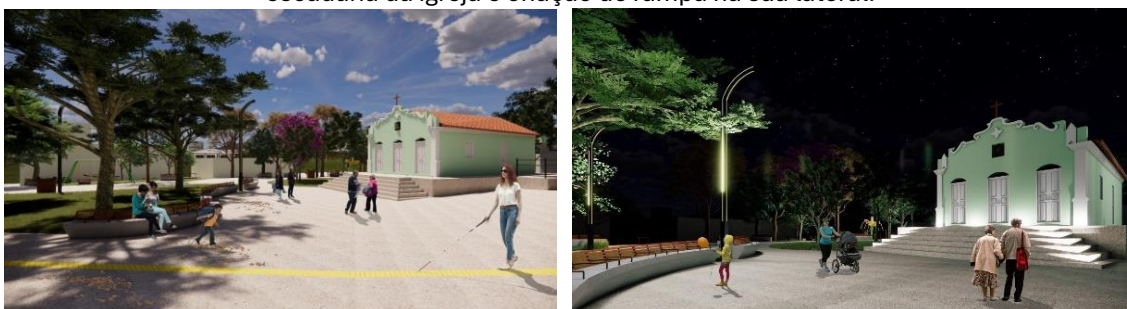
Fonte: Autoral, 2025

3.4 A proposta de intervenção

As principais ações propostas concentram-se em intervenções estruturantes que articulam preservação patrimonial, inclusão social, qualificação ambiental e fortalecimento do uso público.

A preservação da Igreja São Judas Tadeu (Figuras 9 e 10) configura-se como elemento central da proposta, com adequações de acessibilidade e reorganização do entorno imediato por meio de uma esplanada cívica destinada a celebrações e uso coletivo, visando valorizar o patrimônio edificado e prevenir processos de descaracterização.

Figuras 9 e 10: Espaço em frente à igreja com novos bancos, postes de luz, ampliação da escadaria da igreja e criação de rampa na sua lateral.



Fonte: Autoral, 2025.

A reorganização da circulação interna e das calçadas do entorno busca garantir percursos contínuos, seguros e acessíveis, com eliminação de barreiras físicas, priorização do pedestre e qualificação da interface entre praça e sistema viário.

A requalificação da quadra poliesportiva (Figuras 11 e 12) visa ampliar seu uso como equipamento de lazer, esporte e eventos comunitários, a partir de soluções integradas à topografia e adaptadas às condições climáticas locais.

Figuras 11 e 12: Proposta de nova cobertura para a quadra poliesportiva.



Fonte: Autoral, 2025

A implantação de parque infantil acessível (Figura 13), academia ao ar livre (Figura 14) e áreas de permanência sombreadas busca ampliar a diversidade de usos e estimular práticas de lazer, promoção a saúde, especialmente para crianças e idosos. O mobiliário

urbano e a iluminação são pensados como dispositivos de conforto, segurança e permanência.

Figuras 13 e 14: Proposta de novo parque infantil e academia ao ar livre.



Fonte: Autoral, 2025.

A reorganização da Biblioteca Municipal e de seu entorno fortalece sua integração à praça (Figura 15), reafirmando seu papel como polo cultural e educativo.

Figura 15: Requalificação da esplanada da Biblioteca Municipal.



Fonte: Autoral, 2025

O projeto paisagístico (Figura 16) prioriza o uso de espécies nativas da Caatinga, como a craibeira, a caroba-branca, a catingueira-verdadeira e a carnaúba, além de árvores frutíferas adaptadas ao bioma, como a aceroleira e a pitangueira. A proposta tem como foco a melhoria do microclima, o aumento do sombreamento e a valorização da identidade ambiental local.

Figura 16: Imagem superior da nova arborização da praça São Judas Tadeu.



Fonte: Autoral, 2025.

Por fim, a proposta incorpora estratégias de gestão participativa, com estímulo a feiras, eventos culturais, ações educativas e organização dos usos informais, visando garantir a vitalidade contínua da praça e a corresponsabilidade comunitária por sua manutenção.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu compreender a Praça São Judas Tadeu como espaço público de elevado valor simbólico, patrimonial, ambiental e afetivo para a população de Ibiassucê. Verificou-se que, apesar de sua centralidade e relevância social, a praça apresenta fragilidades relacionadas à acessibilidade, infraestrutura, conforto ambiental e integração entre usos, contrastando com seu potencial como território de convivência, práticas religiosas, culturais e lazer cotidiano.

Como principal contribuição, o estudo apresenta uma análise integrada que fundamenta diretrizes de requalificação orientadas pela inclusão, valorização da memória coletiva e diversificação de usos, articulando preservação, projeto, planejamento e gestão da paisagem. Destaca-se ainda a importância da participação comunitária e da continuidade do uso como elementos essenciais para a vitalidade dos espaços públicos em cidades de pequeno porte.

Entre as limitações, evidencia-se a escassez de registros históricos sistematizados e a necessidade de aprofundamento técnico das propostas, bem como de maior articulação institucional para sua implementação. Por fim, o trabalho reforça a relevância de direcionar o olhar técnico e político para as pequenas cidades, onde a valorização da paisagem, da memória e do uso coletivo constitui fundamento central para a construção de cidades mais inclusivas, vivas e socialmente enraizadas.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Ivan André; et al. Arborização urbana no semiárido: espécies potenciais da Caatinga [recurso eletrônico]. Colombo: Embrapa Florestas, 2012. (Documentos / Embrapa Florestas, ISSN 1980-3958; 243). Disponível em: <http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/947072>. Acesso em: 20 set. 2024.

CALDEIRA, J. M. A **praça brasileira. Trajetória de um espaço urbano: origem e modernidade**. Tese (Doutorado). Universidade de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasil/trabalhos/OCR_CALDEIRA.pdf. Acesso em: 01 ago. 2025.

CHOAY, Françoise. **Alegoria do Patrimônio**. Trad. Luciano V. Machado. São Paulo: Estação Liberdade, UNESP, 2001.

FERREIRA, Angélica Farias. **Um olhar sobre a cidade de Ibiassucê-BA: Redesenhando a praça São Judas Tadeu**. 2025. 71 Folhas. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2025. Acesso em: 23 jul. 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Panorama: Ibiassucê (BA). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/ibiassuce/panorama>. Acesso em: 10 jan. 2024.

IBIASSUCÊ. O território – marcos legais e teóricos. Disponível em: <https://ibiassuce.ba.gov.br/arquivos/2%20-%20O%20Territ%C3%B3rio%20-%20Marcos%20Legais%20e%20Te%C3%B3ricos.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2025.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Carta de Juiz de Fora sobre Jardins e Paisagens Históricas.** Juiz de Fora: IPHAN, 2010. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20dos%20Jardins%20Historicos.pdf>. Acesso em: 25 de jul. de 2025.

KIILL, Lúcia Helena Piedade; TERAÓ, Daniel; ALVAREZ, Ivan André. *Plantas ornamentais da Caatinga = Ornamental plants of the Caatinga.* Tradução: Martin Charles Nicholl. Brasília, DF: Embrapa, 2013. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/969169>. Acesso em: 22 set. 2024.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, 4^a Ed.